

Homero. *Ilíada*. Tradução de Odorico Mendes, prefácio e notas verso a verso de Sálvio Nienkötter. São Paulo/ Campinas: Ateliê Editorial/ UNICAMP, 2008 (912 p.) ISBN: 978-85-7480-393-7/978-85-268-0795-2

É muito comum que os divulgadores das traduções de Odorico Mendes dediquem parte de suas considerações, em artigos e conferências, à recepção negativa que elas receberam durante bom tempo de críticos literários ilustres. Nós mesmos muitas vezes o fizemos. De fato, a polêmica cercou desde o início essas traduções, e, se a *Eneida Brasileira* se esgotou em duas semanas, o sonho de Odorico em ver adotado nas escolas brasileiras o seu *Virgílio Brasileiro*, numa época em que se estudava latim no ensino pré-universitário, não se concretizou. Posteriormente, as traduções, sobretudo as de Homero, publicadas postumamente, deram azo a críticas acerbas. Com Haroldo de Campos, a partir da década de 60, teve início o que se poderia rotular o “resgate” de Odorico Mendes, visto, agora, como grande predecessor da ideia de “transcrição” do texto literário e lembrado como o primeiro tradutor de toda a *Ilíada* e da obra integral de Virgílio e Homero em língua portuguesa.

Baste esse breve esboço da questão. O fato mais relevante dos últimos anos é que as traduções de Odorico Mendes têm recebido atenção privilegiada não apenas em ensaios e conferências a elas consagrados, mas, sobretudo, na sucessão de edições bem cuidadas e bem intencionadas de suas traduções dos clássicos:

- A tradução da *Odisseia*, publicada postumamente em 1928, recebeu em 1992 edição anotada a cargo de Antonio Medina Rodrigues, pelas editoras *Ars Poetica* e EDUSP; além das notas de Odorico, há anotação de esclarecimento do texto e comentários sobre o texto homérico em si (natureza da épica, concepção dos deuses etc.).

- O *Virgílio Brasileiro* (de 1858) teve uma reedição em dois volumes a cargo de Sebastião Moreira Duarte. O primeiro volume, contendo *Bucólicas* e *Geórgicas*, saiu em 1995 pela editora da Universidade Federal do Maranhão, com apoio da Fundação Sôsândrade. Não temos notícia do segundo volume. A edição é bilíngue e traz as notas de Odorico e anotação breve do organizador.

- A tradução da *Eneida* em sua primeira versão, publicada em 1854 com o título

de *Eneida Brasileira*, ganhou uma reedição anotada, a cargo de Luiz Alberto Machado Cabral, em 2005, pelas editoras Ateliê e Editora da UNICAMP. Traz notas de Odorico e anotação, sobretudo esclarecimento do léxico. Tivemos a oportunidade de comentar mais minuciosamente esse trabalho num volume da revista *Letras Clássicas* da USP.

- A tradução das *Bucólicas*, que constava do *Virgílio Brasileiro*, foi reeditada em 2008, pela Ateliê Editorial e Editora da UNICAMP, com apoio da FAPESP, na mesma (primorosa) coleção Clássicos Comentados em que foi lançada a *Eneida* mencionada acima. É fruto do “Grupo de Trabalho Odorico Mendes”, que coordenamos e que procura divulgar a obra do maranhense. A edição é bilíngue e, além das notas de Odorico e da anotação de esclarecimento do texto, traz comentários sobre o modo como se vertem efeitos de som, ritmo, sintaxe, ordem das palavras do original latino.

- A *Eneida Brasileira*, edição de 1858, que faz alterações no texto da versão de 1854, inclusive nas notas, foi publicada em 2008, em edição organizada pelo mesmo Grupo de Trabalho, pela Editora da UNICAMP e com o apoio da FAPESP, na série LVMINA, dedicada a traduções de clássicos greco-latinos em edições bilíngues. A edição traz comentários sobre a tradução propriamente dita canto a canto, além da anotação de esclarecimento do texto e das notas de Odorico.

Por fim, destacamos o objeto desta resenha: a tradução da *Iliada*, publicada somente em 1874, dez anos depois da morte de Odorico, reeditada em 2008 pelas editoras Ateliê Editorial e Editora da UNICAMP na coleção “Clássicos Comentados”. As três edições de 2008 constituem uma bela celebração dos 150 anos de publicação do *Virgílio Brasileiro*, que é de 1858.

A edição é, do ponto de vista material, primorosa. Quem tem a primeira edição, sabe como ali o texto aparece estampado em tipo demasiado diminuto e espaçamento mínimo entre os versos, o que torna a leitura penosa. Nesta nova edição, dá-se destaque ao texto de Odorico, editado num formato muito agradável. O responsável pela edição, Sálvio Nienkötter, preferiu deixar a anotação, feita verso a verso, na página esquerda, reservando sempre a direita para o texto. É uma opção muito interessante: a tradução aparece livre de referências numéricas às notas, uma vez que não há necessidade de apor números aos versos em havendo nota respectiva para cada um deles. O leitor pode

dispensar as notas, até mesmo não passando os olhos por elas, atendo-se à tradução estampada na página direita. Apenas um senão nesse procedimento de anotar todos os versos: por vezes, há notas supérfluas, como esta: “*louro*: Castanho (claro)”, na página 146, nota ao verso 370, canto III (“O louro Menelau...”).

Quanto ao trabalho de estabelecimento do texto e da anotação propriamente dito, é muito bem feito e faz jus à qualidade da tradução. A tarefa não é fácil: na grafia de nomes próprios, Odorico muitas vezes surpreende, e, se não se toma cuidado, o editor do texto pode, adotando grafia inadequada, produzir verso com sílaba a mais ou a menos. Quanto à anotação, é preciso muito critério, conhecimento, erudição e sagacidade para não se enganar ao explicar termos e expressões que, muitas vezes, só se aclaram com a consulta a dicionários mais antigos, como o Morais. Dessa tarefa ingente, Sálvio Nienkötter se sai muito bem, e essa edição se torna referência para o texto da *Ilíada* de Odorico.

Entretanto, como é previsível, veem-se alguns senões. Arrolaremos os que pudemos notar numa primeira leitura corrente:

- Na página 44, a expressão “*ínfula sacra*”, do verso 13, é explicada como “guirlanda sagrada a Apolo”. Como a palavra original não é clara, mas se interpreta geralmente como referências às fitas sagradas que adornavam o bastão ou cetro do sacerdote [veja-se o monumental comentário da *Ilíada* editado por Kirk: *The στέμματα must be fillets (probably of wood) tied to his priestly staff or sceptre*, p. 55]. Ora, Morais explica o termo “*ínfula*”, não registrado no Houaiss, como “insígnia dos sacerdotes”. Cremos que seria recomendável uma nota mais extensa, que não levasse o leitor a pensar apenas numa “coroa”. Na página 46, a nota ao verso 27, que traz de novo “*ínfula*”, diz “*ínfula do deus*: Guirlanda (cordão ornamental de flores) de Apolo”.

- Na página 81, temos o verso 39 (canto II) “Cetro paterno empunha incorruptível”, e a nota correspondente traz “*incorruptível*: Incorrompível, reto, honesto”. Mas o contexto diz que um *cetro* é incorruptível (em grego, ἄφθιτον, verso 46, “imperecível, imortal”), portanto a ele não se aplica “reto, honesto”; um sentido figurado (“a realeza do personagem, representada pelo cetro, é honesta”) seria aceitável? Aqui chegamos a um dilema: só descarta essa outra interpretação quem conhece o original grego; no texto de Odorico acaba-se tornando possível aquela outra

interpretação. Como agir nesse caso? Talvez um comentário mais extenso, advertindo o leitor que está conhecendo Homero pela primeira vez, fosse uma solução de compromisso adequada.

- Na página 98, nota ao verso 356, lê-se “Senhor *da* nuvens”.

- Na página 647, o verso 2 (canto XVIII), “No já completo a meditar, Aquiles” recebe a explicação: “*completo a meditar*: Imerso em pensamentos”. Mas o sentido é “Aquiles, a meditar no já que já estava concluído”. O original (verso 4) diz que o herói meditava nas coisas já “findas”, “concluídas” (τετελεσμένα).

- Na página 683, no verso 32 do canto XIX (“Pelas ventas ambrosia e rubro néctar”), deve-se corrigir “ambrosia” em “ambrósia”, forma também registrada nos dicionários; a primeira grafia desfigura o metro.

- Na página 731, verso 50 do canto XXI, temos “Oh! que portento! Os que hei mandado aos mares”. É assim mesmo que está no original. Mas é evidente erro. A sequência diz: “Certo ressurgirão do centro escuro”, em referência ao mundo dos mortos. Portanto, em vez de “mares”, entenda-se “manes”. O confronto com o original grego revela que houve erro na primeira edição. Seria interessante consultar o manuscrito, mas...onde estaria? Erro da primeira edição também reproduzido nesta sem aviso ao leitor se encontra na citação latina da página 887: *semex quosivit*, leitura errônea do manuscrito, que deve trazer *semet quæsivit*.

- Na página 109, nota ao verso 522, diz-se “*Alfeu*: Homem (amado por Aretusa), foi mudado em rio”, mas Alfeu era um deus-rio que se apaixonou por Aretusa e tentou *tê-la à força*. Sobretudo pensando no leigo, seria preciso rever a nota.

- Na página 118, nota ao verso 724 (canto II), explica-se “*omnígeno*: Fogoso”. Mas o original fala de “omnígeno prélio examinados”, ou seja, de heróis “experimentados *em todo tipo* de batalha (μάχης... πάσης, verso 823)”.

- Na página 154, nota ao verso 55 (canto IV), temos “Passa aos dois exércitos:

Vá até os exércitos”. Mas se trata de imperativo de segunda pessoa, então, deveríamos ter: “Vai”.

- Na página 318, nota ao verso 58, tem-se “dilibere”, em vez de “delibere”.

- Na página 359, verso 118, as aspas estão invertidas.

- Na página 365, versos 227-8: “[...] dá que às naus voltemos/ Findas árduas ações que aos Teucros doam”. A nota correspondente diz “*doam*: Perpetram”, mas o sentido é “depois de concluir ações que *causem dor* aos Teucros”.

- Na página 397, no verso 249 (canto XI), assim estampado: “De perto exímios Dardanos, sede homens”, deveria constar “Dárdanos”, em vez de “Dardanos”, também presente na Clássicos Jackson. “Dárdanos” aparece grafado assim, como proparoxítone, na página 615, verso 147 (canto XVII).

- Na página 435, verso 160 (canto XII) o texto menciona o animal que é vítima de uma águia, um “dragão”; a anotação traz “*dragão*: Lagarto”, mas, obviamente, trata-se de uma serpente. Odorico traduziu literalmente o original δράκοντα (verso 202), “serpente”, como traz o Bailly, apontando esta referência. Na nota mais abaixo, ao verso 165, explica-se “*o maculado réptil*: O lagarto”. De novo em nota ao verso 173, “dragão” é explicado como “lagarto”.

- Na página 587, a nota ao verso 465, traz “extrênuos”, em vez do correto “estrênuos” da tradução.

- Na página 721, tem-se o verso 327 (canto XX), que caracteriza Polidoro, filho de Príamo; o pai veda-lhe a luta, “Porque era seu menor e estremeado”. A nota correspondente traz: “*estremeado*: Falto de firmeza”, mas o sentido é “muito querido” (cf. Houaiss). De fato, o original grego fala em “mais querido” (φίλτατος, verso 410).

- Na página 748, nota ao verso 364 (canto XXI, menciona-se o latim *quetus*, em vez do correto *quietus*).

- Na página 760, nota ao verso 9, temos: “*és transviado*: Fostes desviado”, em vez do correto “foste desviado”.

- Na página 801, verso 216 (canto XXIII), “corrije-se” o original “detém-os” em “detém-nos” e isso vem observado em nota, como se “detém-nos” fosse um erro da primeira edição.

- Na página 869, versos 611-2, lê-se “Te rojou pela campa de Pátroclo,/ Se do inferno evocá-lo a que o mandaste”. A primeira edição trazia: “*Sem* do inferno *avocá-lo*”. A Clássicos Jackson traz “avocá-lo”, mas introduz esse misterioso “se”, em vez de “sem” (a edição da Martim Claret traz lição igual, a revelar que foi feita a partir dessa coleção, o que não é informado ao leitor).

- Na página 877, linha 3, há erro de revisão: “Chateubriand”.

- Na página 893, nota ao verso 362, há um “diz eu”, em vez de “diz que”.

- Na página 895, nota de Odorico aos versos 488-490, a citação de Virgílio está estropiada: em vez de *avias* e *abdite*, deve-se dizer *avius* e *abdidit* (esses são erros da primeira edição); em vez de *concius*, deve-se dizer *consciis* (como consta da primeira edição).

- Na página 897, nota aos versos 544-545, deve-se corrigir, na segunda linha, “*este animalejos*”.

- Na página 907, nota ao verso 36, última linha: faltou um traço entre *conscience* e *salut*.

- Na página 908, nota ao verso 580, linha 2, aparece um estranho símbolo em vez do “&” do original.

- Faltam por vezes (umas poucas) notas; assim, na página 145, o verso 320 (canto III) traz “Aos contentes consócios, que o recadam”. Explica-se “consócios”, mas

não “recadam”.

Como se vê, poucas bagatelas a corrigir numa segunda edição...

No breve espaço que nos é concedido não podemos comentar mais detalhadamente a tradução de Odorico. Contudo, não conseguimos nos furtar a um julgamento estético, subjetivo como todo julgamento, mas, como diz Alessandro Barchiesi em conhecido ensaio sobre intertextualidade, nossa atividade humanística é subjetiva e retórica; nenhum cientificismo positivista poder-nos-á fazer esquecer disso... Independentemente do que entendamos por tradução, não há como negar que nessa tradução extremamente concisa (por vezes, talvez, excessivamente concisa), atenta à palavra exata (às raias da obsessão: vejam-se as notas do tradutor sobre o nome das diversas peças de uma roda), latinizante (não apenas os nomes dos deuses têm a forma latina – Juno, não Hera etc. – mas o vocabulário é repleto de latinismos) e ao mesmo tempo helenizante (nos compostos à moda grega, como “dedirrósea”, “claviargêntea”, o tão difamado “velocípede”...), há inúmeros versos dignos de figurar em antologia de literatura, pelas qualidades estéticas: prodígios de som, ritmo e expressividade que não podemos detalhar aqui. Cada um dos seus apreciadores fará sua seleção própria; dentre os meus favoritos, destaco estes, do canto I:

Cedendo o sol à treva, ao pé repousam
Do amarrado navio, e assim que alveja
A aurora dedirrósea, o porto largam
Ereto o mastro, as pandas brancas velas
A brisa enfuna que o certo Apolo
Bafeja, e a ressoar cerúlea vaga
Do buco em derredor, cortava a quilha
O páramo salobre. (I 415-422)

E, por fim:

Muge horrísona vaga e o mar reboa. (II 180)

Concluindo, estamos diante de edição importante e altamente recomendável, um item indispensável não apenas para classicistas, como também para todos os que

apreciam poesia em língua portuguesa, composta por aquele que, no dizer de Gonçalves Dias, metrificava como um rei e dominava como ninguém a língua portuguesa.

Paulo Sérgio de Vasconcellos
IEL-UNICAMP

n u n t i u s a n t i q u u s